

OS ADAGIÁRIOS QUE TEMOS E OS QUE DEVERÍAMOS TER

Gabriela Funk
Universidade dos Açores

Podemos caracterizar os adagiários existentes segundo diferentes critérios. Apresentaremos, primeiramente, os mais relevantes nas suas múltiplas facetas:

- a) o número de provérbios que contêm: cerca de 100, 500, 1.000, 5.000, 10.000 ou até mesmo 20.000 exemplares;
- b) o princípio de ordenamento do adagiário: ordem lexical segundo a primeira letra do provérbio (cf. Pedro Chaves, 1928) ou a primeira letra da primeira palavra-chave do texto proverbial (Ladislau Batalha, 1928); campos temáticos (Jaime Rebelo Hespanha, 1936); os autores e as obras onde o provérbio ocorre (Teófilo Braga, 1914-1915); a suposta época de criação do mesmo (Teófilo Braga, *idem*) ou então sem uma ordem específica (Teófilo Braga, 1986, Vol.III, cap.1);
- c) objectivo do adagiário: agrupamento dos provérbios mais importantes (como auxiliar, por exemplo, na aprendizagem de uma língua estrangeira – Helena Maria Quintão Duarte Silva e José Luís Quintão, 1983); indicação de todos os provérbios existentes numa língua (Pedro Chaves, 1928); comparação de provérbios de diferentes culturas, explicação da origem de alguns provérbios (José Maria Adrião, 1916-1934), do seu significado, pragmática, ou a indicação das fontes literárias onde estes são empregues (Teófilo Braga, 1914-1915);

- d) tipo dos provérbios registados num adagiário: internacionais (Micaela Ghitecu, 1992), nacionais, regionais (Armando Côrtes-Rodrigues, 1982), que se enquadram num tema específico (A. Tomás Pires, 1893); os mais conhecidos (Helena M. Q. Duarte Silva e José Luís Quintão, 1983) ou os mais moralizadores (António Delicado, 1651).

Não existe, em Português, nenhum Adagiário que ultrapasse significativamente a ordem dos 20.000 exemplares. A título de comparação, é de mencionar a mais extensa obra do género, segundo W. Mieder, a saber, a colectânea de Karl Friedrich Wilhelm Wander (1867-1880), que contém cerca de 250.000 exemplares.

Quanto maior for a dimensão de um adagiário, tanto mais importante será um critério de ordenamento adequado. De facto, num dicionário contendo 100 provérbios, pode-se facilmente verificar a existência de um dado exemplar, mesmo na ausência de uma ordem lógica. O mesmo já não acontece num adagiário que contenha 10.000 entradas. W. Mieder refere, no seu livro *Sprichwort – Wahrwort!?* (1992), que os paremiógrafos internacionais hoje em dia preferem coligir os provérbios segundo a primeira letra das respectivas palavras-chave.

Temos, por exemplo, o recente dicionário alemão *Sprichwörterlexikon*, de Beyer & Beyer (1985), que, em média, apresenta um provérbio subordinado a duas palavras-chave. Aqui os 15.000 exemplares formam um índice de 5.000 palavras-chave. Esta redundância é necessária para podermos encontrar uma variante diferente do provérbio registado num adagiário. O contrário acontece na colectânea de Armando Côrtes-Rodrigues, onde só casualmente encontramos o exemplar "Mestre fora, dia santo na loja.", quando, na verdade, procurávamos o provérbio "Patrão fora, dia santo na loja."

Como ninguém pode afirmar qual das duas formas é a canónica¹, seria conveniente que esse adagiário apresentasse várias palavras-chave ("mestre", "dia santo", "loja"), de forma a facilitar a consulta do mesmo.

Em Portugal, uma grande parte das colectâneas são ordenadas exclusivamente segundo as primeiras letras da frase proverbial, como, por exemplo, os "Mil provérbios portugueses", de Carolina Michaelis de Vasconcelos (1986). Só em algumas pequenas recolhas se opta pelo ordenamento com base numa palavra-chave (Ladislau Batalha, 1924).

Não existe, tanto quanto sabemos, nenhuma grande recolha de provérbios que siga esse princípio. A que mais se aproxima desta metodologia, é, sem dúvida, a obra *Vozes da sabedoria*, de Maria de Sousa Carrusca (1974-1976). A Autora não usa palavras-chave, no entanto, ordena o maior número de temas, permitindo-nos, assim, encontrar, com relativa facilidade, mesmo variantes do provérbio procurado.

Uma das desvantagens de um adagiário ordenado por temas é revelada pelo seguinte exemplo retirado do *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*, de Jayme Rebelo Hespanha. Dado que não existe o tema "Mula", seria de esperar que o provérbio "A mula velha, cabeçada nova." se encontrasse na rubrica "Animais". Porém, onde o vamos descobrir? No tema, "Mulheres"! Este caso, bem como outros muito mais estranhos (como a inclusão do provérbio "Nem no Inverno sem capa, nem no Verão sem cabaça." no tema "Vinho", *Nova Recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses*, de Manuel João Gomes, 1986) demonstra que a ordem temática obedece a critérios demasiado subjectivos, especialmente no caso dos provérbios figurativos. Por esta razão, este tipo de adagiários não atinge o seu objectivo principal, nomeadamente, a sistematização de todos os provérbios que se enquadram num determinado tema. Uma colectânea ordenada segundo palavras-chave tem a vantagem de agrupar todos os provérbios não-figurativos através um critério objectivo. Para os provérbios figurativos deve elaborar-se um apêndice adequado que sistematize a correlação cultural entre palavras-chave.

Uma obra assim realizada seria um avanço considerável para a paremiografia portuguesa. Permitiria atingir os objectivos dos seguintes utentes:

- i) *o orador*: que procura incluir no seu discurso ideias, argumentos e regras populares sobre um determinado tema. No adagiário proposto, encontraria os provérbios desejados nas palavras-chave adequadas.
- ii) *o filólogo*: que quer verificar se uma determinada frase já foi registada como provérbio. Se ele procurar em todas as palavras-chave da frase em questão, facilmente poderá determinar o estatuto proverbial da mesma.

Existe ainda um outro tipo de utente que tem um objectivo específico ao consultar um adagiário:

iii) é o caso de *um estrangeiro*: que deseja compreender o que um determinado provérbio significa e como é usado.

No referido modelo lexicográfico, ele pode encontrar, tal como o filólogo, o provérbio procurado. Mas não será capaz de entender nem o sentido, nem a pragmática dessa expressão popular.

Para satisfazer este tipo de utente, o adagiário deverá obedecer a uma estratégia explicativa. Actualmente, existem dois grupos de adagiários que atingem esse objectivo. O primeiro, parafraseia o provérbio e explica o modo como é usado. Assim, pode ajudar também o falante nativo, que, por vezes, não entende o sentido de um provérbio figurativo. Lamentavelmente, essas obras só contêm um reduzido número de textos proverbiais. *Seria, por isso, desejável que um adagiário completo explicasse sistematicamente todos os exemplares nele contidos.*

Porém, na área da Paremiologia, existe um défice na análise contextual do provérbio. A explicação do seu sentido e emprego é, normalmente, dada com base em referências históricas ou na intuição do investigador. Mas, mudam-se os tempos, mudam-se os pensamentos, e também cada cabeça, cada sentença. *Será, por isso, sempre útil citar, no adagiário, pelo menos um emprego real de cada provérbio.* Este objectivo, porém, dado o problema do espaço, só poderá ser atingido por um dicionário sob a forma de um CD-ROM.

O segundo tipo de adagiário que é consultado por um estrangeiro explica a semântica e a pragmática do provérbio através de uma expressão popular equivalente da sua língua materna. Há, no entanto, dois problemas que ficam por resolver: primeiro, nem sempre se encontra um provérbio equivalente, segundo, nem todas as frases equivalentes são realmente provérbios. Este último problema prende-se com o facto de muitos adagiários, especialmente os alemães, englobarem traduções de provérbios estrangeiros que nunca circularam na boca do povo.

Aqui reflecte-se a questão fundamental da avaliação dos adagiários. Actualmente, ninguém possui dados para decidir se um exemplar de um adagiário português é verdadeiramente um provérbio. Por um lado, as recolhas mais recentes baseiam-se, quase exclusivamente, nas colectâneas anteriores. Estas, por sua vez, obtiveram, normalmente, os seus exemplares a partir de fontes escritas que não podem comprovar, em geral, o seu carácter folclórico.

É de supor que uma parte significativa dos provérbios incluídos nos adagiários contemporâneos seja completamente desconhecida pelos falantes. Assim, o dicionário não serve nem para o orador, nem para o estrangeiro, cujos objectivos se orientam para a comunicação, ou seja, o orador pretende convencer os interlocutores com argumentos já conhecidos, e o estrangeiro precisa de uma base mínima de provérbios mais usados. Para a resolução destes problemas, é necessário ter em consideração os seguintes parâmetros:

- a percentagem do conhecimento
- ou da aceitação de cada provérbio.

Em Portugal, ainda não existe um adagiário que tenha em conta estes parâmetros. A nível internacional, já há, no entanto, a referir alguns projectos que visam fundamentar, com dados estatísticos, um adagiário com um mínimo dos provérbios mais conhecidos. O investigador pioneiro neste campo foi, indubitavelmente, Permjakov (1985), para o russo, seguindo-se Schellbach-Kopra (1987), para o finlandês, Schindler (1993), para o checo, Gryzbek e Chlosta (1993), para o alemão.

Existem, em português, como em quase todas as outras línguas, colectâneas cujos autores afirmam incluir só os provérbios mais conhecidos. No entanto, tal afirmação não é credível, uma vez que falta a referência aos métodos estatísticos necessários. Aqueles paremiógrafos englobam, certamente, alguns dos mais conhecidos exemplares. Mas a questão é se, por um lado, reúnem todos os provérbios mais populares e se, por outro, todos os textos indicados são realmente bem conhecidos. Na ausência de material estatístico para a língua portuguesa, recorreremos ao trabalho realizado por Gryzbek (1991) para o alemão. Este autor avaliou a colectânea *Deutsche Sprichwörter für Ausländer. Eine Auswahl mit Beispielen*, de Frey e outros (1970), que, segundo os mesmos, contém os 275 provérbios alemães mais populares. Os resultados obtidos revelam que só 6% destes exemplares são conhecidos por todos os falantes inquiridos. Já 40% dos provérbios são reconhecidos, pelo menos, por 90% dos falantes; 70% por 50%; 80% por 30% e, finalmente, 95% por 10% dos falantes.

Resumindo: enquanto 6% daqueles provérbios são do conhecimento geral, 5% quase ninguém conhece. Os provérbios indicados não são, realmente, todos conhecidos em geral. Se confrontarmos este resultado com uma outra análise realizada por C.Chlosta, P. Grzybek e U. Roos (1994), que apresenta muitos textos proverbiais bem conheci-

dos mas não incluídos na colectânea de Frey, veremos que a intuição deste autor é insuficiente como critério de recolha.

Mesmo a existência de um provérbio numa colectânea antiga não prova a sua actualidade. Por exemplo, encontrámos, no referido estudo de Gryzbek, dados estatísticos relativos ao conhecimento da frase "Die Vorsicht ist die Mutter der Weisheit." (em português, "O cuidado é a mãe da sabedoria."), que está incluída em quase todos os adagiários alemães. Mas a grande maioria dos falantes, ou seja 92%, não conhece esta expressão. Uma variante "Die Vorsicht ist die Mutter der Porzellankiste." (em português, "O cuidado é a mãe do caixote com porcelana"), que não se encontra nos dicionários, é conhecida por 88% dos alemães.

Para este facto, existem duas possíveis explicações. A última variante foi sempre a mais corrente entre o povo, mas marginalizada pelas fontes escritas, que preferiam o lexema "sabedoria", de um nível de língua mais elevado, ou esta variante representa, de facto, uma forma mais contemporânea. Resta acrescentar que, enquanto Wolfgang Mieder encontrou nos últimos anos provérbios alemães e americanos recentemente criados, a grande maioria dos autores internacionais afirma que o tempo de criação de novos provérbios já passou, justificando, assim, a ausência de novos exemplares nas respectivas colectâneas.

Resta-nos, agora, concluir com as nossas propostas:

- propomo-nos realizar um adagiário que contenha as seguintes características:
 - 1ª) a presença de um indicador do conhecimento e da aceitação de cada provérbio;
 - 2ª) a explicação do seu sentido e um exemplo do respectivo emprego;
 - 3ª) a presença de novos provérbios criados neste século;
 - 4ª) um ordenamento segundo várias palavras-chave.

Um adagiário com estas características seria de extrema valia para a Linguística aplicada, como pudemos ver no exemplo das três teses académicas realizadas por Ana Cristina Macário Lopes (1992), Lucília Maria Vieira Gonçalves Chacoto (1994) e por mim própria (Funk, M. Gabriela C. B., 1994). A lacuna que neles se verifica consiste na falta de dados estatísticos sobre os provérbios portugueses mais conhecidos.

No que nos diz respeito, estamos na fase de preparação de um adagiários com as referidas características, cuja metodologia estatística se baseia naquela seguida por Chlosta e Gryzbek.

Notas

- ¹ Em M. de Sousa Carrusca (1976, vol.III, p.265), o provérbio bíblico original "Quem não trabalha não come." surge como variante da forma canónica "Em casa deste home quem não trabalha não come."

Referências

- ADRIÃO, José Maria, "Retalhos de um Adagiário", *Revista Lusitana*, Volumes XIX (1916, pp.40-62), XX (1917, pp.298-315), XXI (1918, pp.33-57), XXIII (1920, pp.107-130), XXIV (1921-1922, pp.227-256), XXV (1923-1925, pp.75-127), XXVI (1927, pp.211-246), XXVII (1928-1929, pp.198-242), XXIX (1931, pp.107-158) e XXXII (1934, pp.5-55).
- BASTOS, José Joaquim Rodrigues, *Collecção de pensamentos, maxims e proverbios*, 3ª edição augmentada de muitos artigos, assim extrahidos de diversos authores, como originais, Em Casa de Cruz Coutinho, Porto, Tomos I e II, 1854.
- BATALHA, Ladislau (1924), *História geral dos adágios*, Aillaud-Bertrand, Paris-Lisboa.
- BEYER, Horst, BEYER, Annalies (1985), *Sprichwortlexikon – Sprichwörter und sprichwörtliche Ausdrücke aus deutschen Sammlungen vom 16. Jahrhundert bis zur Gegenwart*, C.H. Beck-Verlag, Munique.
- BRAGA, Teófilo, "Adagiário Português", *Revista Lusitana*, Volumes XVII (1-2, 1914, pp.225-274) e XVIII (3-4, 1915, pp.16-64).
- BRAGA, T. (1885), *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, Publicações D. Quixote, Lisboa, Tomo II, 1986.
- CARRUSCA, Maria de Sousa (1974-1976), *Vozes da Sabedoria*, Tipografia União Gráfica, Lisboa, 3 volumes.
- CHACOTO, Lucília M.V. Gonçalves (1994), *Estudo e formalização das propriedades léxico-sintácticas das expressões fixas proverbiais*, Tese de Mestrado, Lisboa.
- CHAVES, Pedro (1928), *Rifoneiro Português*, Imprensa Moderna, Porto.
- CHLOSTA, C. , GRZYBEK, P. , ROOS, U. (1994), "Wer kennt denn heute noch den Simrock? Ergebnisse einer empirischen Untersuchung zur Bekanntheit deutscher Sprichwörter in traditionellen Sammlungen", *Studien zur Phraseologie und Parömiologie*, Bochum, pp.31-60.

- CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando (1982), *Adagiário Popular Açoriano*, Antília, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 2 volumes.
- DELICADO, António (1651), *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Officina de Domingos Rosa, Lisboa.
- FUNK, Maria Gabriela C.B. (1993), *A função do provérbio em português e em alemão – análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*, Tese de doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- GHITESCU, Micaela (1992), *Novo Dicionário de Provérbios – Português, Espanhol, Francês, Italiano, Romeno*, Edições Fim de Século, Lisboa.
- GOMES, Manuel João (1974), *Nova Recolha de Provérbios Portugueses e outros Lugares-Comuns*, 2ª edição, Fernando Ribeiro de Mello, Afrodite Editora, 1986.
- GRZYBEK, Peter (1991), "Sinkendes Kulturgut? Eine empirische Pilotstudie zur Bekanntheit deutscher Sprichwörter", *Wirkendes Wort*, 2, pp.239-264.
- GRZYBEK, P. , CHLOSTA, C. (1993), "Grundlage der empirischen Sprichwortforschung", *Proverbium*, 10, pp. 89-128.
- HESPANHA, Jaime Rebelo (1936), *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*, Minerva, Famalicão.
- LEITÃO, Paulo Maria (1852), *Florilegio de maximas e sentenças mais notaveis tanto moraes como religiosas de todos os povos, ou moral universal*, Tipografia de João José de Salles, Colaço.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de (1963), *Adagiário Português*, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Gabinete de Etnografia (Colecção Cultura e Recreio).
- LOPES, Ana C. Macário (1992), *Texto proverbial português – Elementos para uma análise semântica e pragmática*, Tese de doutoramento, Coimbra.
- MANIQUE, Francisco A. da Cunha de Pina (1856), *Ensaio Phraseologico ou Collecção de Phrases Metaphoricas, Elegancias, Idiotismos, Sentenças, Proverbios e Anexins da Lingua Portuguesa*, Tipografia da Nação, Lisboa.
- MIEDER, W. (1992), *Sprichwort – Wahrwort!? Studien zur Geschichte, Bedeutung und Funktion deutscher Sprichwörter*, Peter Lang, Frankfurt am Main, Berlin, Bern.
- PERMYAKOV, G.L. (1985), *300 allgemeingebrauchliche russische Sprichwörter und sprichwörtliche Redensarten*, Moscovo, Leipzig.
- PIRES, António Tomás (1893), *Calendário Rural – ditados relativos aos meses, comparados com os ditados similares de vários países românicos*, Tipografia Progresso, Elvas.

- SCHELBACH-KOPRA, I. (1987), "Parömisches Minimum und Phrascodi-
daktik im finnisch-deutschen Bereich", in KORHONEN J. (editor),
Beiträge zur allgemeinen und germanistischen Phraseologieforschung,
Oulu.
- SCHINDLER, F. (1993), *Das Sprichwort im Heutigen Tschechischen. Empirische Untersuchung und semantische Beschreibung*, Frankfurt/M. Diss.
- SILVA, Joaquim (1989), "Os Adágios e a sua recolha", *Revista Lusitana* (Nova Série), 10, pp.157-187.
- SILVA, Maria Helena Quintão Duarte e QUINTÃO, José Luís (1982), *Pequeno Dicionário de Provérbios – Alemão, Francês, Inglês e Português*, 1ª edição, Moraes Editora, Lisboa, 1983.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1986), "Mil provérbios portugueses", *Revista Lusitana* (Nova Série), 7, pp.29-71.
- WANDER, Karl F.W. (Editor) (1867-1880), *Deutsches Sprichwortlexikon – Ein Hausschatz für das deutsche Volk*, F.A. Brockhaus, Leipzig, 5 volumes.